

Marion Zimmer Bradley,
Julian May e Andre Norton

TRÍLIO NEGRO



Marion Zimmer Bradley,
Julian May e Andre Norton

TRÍLIO NEGRO



Tradução

Marina Della Valle



Planeta minetauro

TRECHO ANTECORRIDO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Marion Zimmer Bradley, Julian May e Andre Norton, 1990
Publicado por acordo entre o autor e a BAROR INTERNATIONAL, INC.,
Armonk, Nova York, EUA.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Marina Della Valle, 2026

Todos os direitos reservados.

Preparação: Lúgia Alves

Revisão: Luana Negraes e Diego Franco Gonçalves

Projeto gráfico, diagramação e ilustrações de miolo: Marcela Badolatto

Ilustração de capa: Amanda Brotto

Capa: Fabio Oliveira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Bradley, Marion Zimmer
Trílio negro / Marion Zimmer Bradley, Julian May, Andre Norton ; tradução de
Marina Della Valle. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
496 p.

ISBN 978-85-422-4317-8
Título original: Black Trillium

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. May, Julian III.
Norton, Andre IV. Valle, Marina Della

26-1725

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Capítulo Um



Mais uma vez, da ala externa da Cidadela sitiada, uma luz branco-azulada flamejante ofuscou os olhos da família real, e dos cortesãos e dos Companheiros Jurados que, reunidos com ela em uma sacada no nível médio da grande fortaleza, a tudo observavam. Um ruído de trovão atingiu seus ouvidos um segundo depois.

O rei Krain soltou um grunhido de desespero.

— Pela Senhora Branca, dessa vez não pode haver dúvida! O feiticeiro Orogastus de fato conjurou relâmpagos em um céu limpo, e esse golpe abriu a muralha da ala interna!

Soldados labornokis surgiram às centenas pela abertura larga, recém-feita. Eram seguidos de perto por cavaleiros montados liderados pelo brutal general Hamil. Os agressores arrasaram os valentes defensores da Cidadela com a facilidade com que um furacão sopra o mato dos pântanos. Momentos depois veio um terceiro clarão, mágico e ofuscante, e então o quarto; depois de cada um, hordas entravam pelas aberturas recentes nas fortificações.

— É o fim — disse o rei. — Se aquela muralha ancestral, com seus bastiões múltiplos, pode ser atravessada pelos disparos assombrosos de Orogastus, então não há como a grande fortaleza permanecer segura.

Ele se virou para um dos Companheiros Jurados.

— Lorde Sotolain, traga minha armadura. E você, lorde Manoparo, eu o encarrego da segurança de nossa querida rainha e das princesas. Leve as quatro para o forte mais interno da fortaleza, onde você e seus cavaleiros devem defendê-las até a última gota de sangue. O restante de vocês, prepare-se para lutar ao meu lado contra o inimigo.

A rainha Kalanthe simplesmente assentiu, mas a princesa Anigel irrompeu em um choro de dar pena, assim como as damas de companhia. A princesa Haramis permaneceu como uma imagem franzindo o cenho de mármore, somente os grandes olhos azuis e as tranças negras brilhantes aliviando a palidez da pele, do vestido e do manto brancos que ela usava. A princesa Kadiya, vestindo sua roupa de couro masculina de caça, tirou a adaga da bainha e a brandiu.

— Sire... querido pai! ...deixe-me lutar e cair ao seu lado! Melhor do que me encolher com mulheres choramingando enquanto os bastardos das planícies conquistam Ruwenda!

A rainha e os nobres ficaram boquiabertos, e a princesa Anigel e as damas cessaram o lamento, atônitas.

A princesa Haramis apenas sorriu friamente.

— Acho, irmã, que deposita uma confiança precipitada em sua habilidade como guerreira. Esses não são raffins larvais fugindo de sua lança de brinquedo em uma caçada, mas partidários armados do rei Voltrik protegidos pelo encantamento de um feiticeiro de coração sombrio.

— Os estranhos dizem — retrucou Kadiya — que uma mulher da casa real de Ruwenda vai causar a queda de Labornok quando matar o rei maligno deles!

— E você nomeou a si mesma nossa salvadora?

Haramis soltou um riso amargo, então lágrimas brotaram em seus olhos, brilhando como uma cheia banhando gelo azul glacial. Ela gritou:

— Quieta, tonta! Nos poupe de seu comportamento bobo. Não está vendo como perturba nossa mãe?

A rainha se levantou com orgulho. Ela, como Anigel, usava os vestidos de dia tradicionais da corte ruwendiana, de cetim sem adornos, com franzidos em forma de treliça nas mangas e no corpete. O vestido da menina tinha uma cor rosa suave; mas, naquela manhã, a rainha tinha pedido às aias para vesti-la com um vestido e uma capa vermelhos como sangue.

Kalanthe disse:

— Meu coração está cheio de tristeza e de medo por todos nós, mas conheço minha obrigação. Kadiya, não deposite sua fé em profecias dos estranhos. Nossos servos *nyssomus* fugiram da Cidadela para a segurança do Brejo Intrincado, nos deixando para enfrentar o inimigo. Quanto às suas pretensões de guerreira... — Ela começou a tossir, pois nuvens de fumaça subiam da muralha, enquanto outros dispositivos mágicos dos invasores jogavam bolas de fogo que incendiavam as construções de madeira da ala interna. — Precisa ficar conosco, como é adequado à sua posição e estirpe.

— Então vou ser a *sua* defensora — gritou a princesa Kadiya — e das minhas irmãs. Pois, se a profecia dos estranhos chegar aos ouvidos do rei Voltrik, então ele não vai ousar deixar nenhuma de nós, mulheres reais, vivas! Tenho a intenção de negociar minha vida por um preço muito alto. Vou me juntar ao lorde Manoparo e aos Companheiros Jurados para protegê-las e morrer com eles se for meu destino.

— Ah, Kadi, não faça isso! — soluçou a princesa Anigel. — Precisamos nos esconder e rezar para que a Senhora Branca nos resgate!

— A Senhora Branca é um mito! — disse Kadiya. — Só nós mesmos podemos nos salvar.

— Ela não é um mito — murmurou Anigel, tão baixo que sua voz quase se afogou no clamor da batalha que se desenrolava vinte varas abaixo.

— Talvez não — concedeu Haramis —, mas parece que ela abdicou de proteger este país infeliz. De que outro jeito as hordas de *labornokis* teriam conseguido cruzar o passo, atravessar o Brejo e descer sobre a Cidadela com impunidade?

— Minhas filhas, silêncio! — disse o rei. — O inimigo vai atacar a fortaleza a qualquer momento, e logo devo deixá-las.

Ele pediu que todos saíssem da sacada para dentro dos aposentos atrás, que tinham sido mobiliados como um cômodo privativo para as mulheres reais. As almofadas brilhantes de seda e cadeiras douradas

tinham sido chutadas de lado por pés de armadura, e uma moldura de tapeçaria jazia tristemente virada perto da lareira fria, junto com livros abandonados e um saltério com a placa pintada toda rachada. O rei agora se dirigia à segunda filha, falando com grande severidade.

— Kadiya, você faz mal em desesperar sua mãe e suas irmãs com esse comportamento tolo e essa conversa insensata sobre os estranhos. O rei Voltrik teria pedido a mão de Haramis se desse crédito a esse conto de fadas sobre guerreiras femininas? É meu dever como senhor deste reino defendê-lo ou morrer tentando. Mas é seu dever viver e confortar sua mãe e suas irmãs. E tenha certeza de que seu fardo é mais leve do que o de nossa pobre Haramis, que sem dúvida vai precisar se submeter a Voltrik no final.

Com isso as damas de companhia irromperam em novo choro, e os cavaleiros começaram a gritar, e houve tamanho tumulto de choro e gritos de “Não, nunca!” que mal ouviram a nova rajada de pequenas explosões, mágicas do lado de fora, o retinir das armas e os gritos dos feridos e moribundos.

— Quietos! Quietos, todos vocês! — gritou o rei Krain.

Mas não obedeceram, pois ele não era um monarca que governava de maneira absoluta, pela força do caráter, mas um que sempre tinha encorajado seus súditos a tratá-lo como pai e conselheiro.

Por quatrocentos anos, desde a invasão fracassada do rei Pribinik, o Imprudente, de Labornok, a nação estivera em paz. Rixas e crimes domésticos tinham sido quase eliminados em Ruwenda – com exceção de um ocasional ladrão ou louco homicida e as depredações sazonais dos abomináveis skriteks, o que servia de desculpa para missões dos cavaleiros. Durante a longa paz, a ciência militar tinha definhado, e os Companheiros Jurados haviam esquecido de tudo que já souberam sobre estratégia ou táticas. Os reis de Ruwenda deixavam seus súditos fazer quase o que queriam, desde que a justiça e a tranquilidade prevalecessem de modo geral e as receitas de costume entrassem no tesouro real. Tradicionalmente, Ruwenda não tinha um exército a postos. Os Companheiros Jurados eram o braço das forças de segurança do trono, e os fortes das colinas

eram manejados por quadros rotativos de cidadãos livres da região de Dylex, que por isso eram isentos de impostos. Os senhores e senhoras de Ruwenda governavam seus pequenos feudos com leveza, seguindo o exemplo do trono, e todos haviam prosperado, exceto os preguiçosos, que não mereciam.

Isolada, a pequena Ruwenda parecia ser a terra mais feliz em toda a Península, se não de todo o mundo conhecido... até que os feitiços de Orogastus abriram o Passo Vispir para a cobiçosa Labornok e traçaram a rota secreta que o exército do rei Voltrik havia seguido pelo Brejo Intrincado até a Cidadela.

Dez dias foi tudo o que levou. Nenhuma das tempestades mágicas, brumas-fantasma ou outros desastres que tinham derrotado o rei Pribinik afligiram Voltrik. Na verdade, diziam que os abomináveis skriteks haviam se aliado a ele! Sob a égide do feiticeiro Orogastus, as forças de Labornok rapidamente reduziram os fortes das colinas a escombros, saquearam as cidades próximas em Dylex e fizeram seus habitantes fugir para as regiões a leste, chegando quase sem obstáculos até os bastiões externos da antiga Cidadela. Logo ela cairia sob Voltrik, e o reino com ela.

Enquanto a realeza ruwendiana sitiada e seus cortesãos discutiam e choravam, subitamente veio outro clarão de luz tremendo e uma detonação ensurdecedora. As paredes grossas do forte balançaram como uma cabana de vime diante da monção de inverno. Por um instante prevaleceu o silêncio dentro e fora da Cidadela. Então, de baixo veio um rugido de dez mil gargantas e o som triunfante de cornetas. Estava claro que o portão da grande estrutura central tinha sido aberto e que os invasores corriam para dentro.

Então o lorde Sotolain chegou com a armadura do rei e rapidamente o ajudou a colocá-la, e Krain suspirou ao levantar a espada pesada de seu tataravô Karaborlo, que ele e seus Companheiros sabiam que brandiria com bravura, mas sem aptidão. Nem a bela armadura de aço brilhante cravejada de safiras nem o elmo de batalha coroadado com sua efigie de quebra-ossos de platina poderia fazer o rei Krain mais do que era – um homem de meia-idade de

temperamento brando, grande na mente e no coração, mas extremamente inepto para ser um guerreiro.

Quando seu elmo tinha sido posicionado, ele fez sua despedida final da família.

— Fui um estudioso, e não um guerreiro, e não me arrependo disso. Por muitas gerações, nossa amada terra conheceu apenas paz. Fomos protegidos – ou assim nos ensinaram a acreditar – pela arquimaga Binah; ela que é chamada de Senhora Branca, Senhora da Flor, a Guardiã, a Protetora do Trílio Negro. Muitos de nós aqui neste dia de infortúnio a viram e ouviram quando ela trabalhou maravilhosamente no nascimento de nossas princesas trigêmeas. A arquimaga nos disse que tudo ficaria bem, mas também falou misteriosamente de um destino particular e tarefas terríveis que aguardavam as filhas reais. Não entendemos as palavras dela, e a maioria de nós – até mesmo eu – quase perdeu a memória delas. Mas vamos pensar nelas agora, pois podem nos dar um pouco de esperança. Francamente, não sei mais onde procurá-la.

Ele abriu os braços cobertos de metal e gentilmente abraçou e beijou a rainha. Então veio Haramis, cujo rosto era o único ainda sem lágrimas, e Kadiya, submissa por fim, e Anigel de cabelos dourados, que não conseguia deixar de soluçar.

Depois de se despedir de seus amigos, ele mais uma vez encarregou solenemente o venerável lorde Manoparo e os quatro cavaleiros que o acompanhavam, que golpearam o peito revestido de armadura num gesto de fidelidade e desembainharam as espadas. Então o rei se virou. Com seu escudeiro de alta linhagem, Barnipo, levando à frente o escudo real, ele avançou pela porta do solar seguido pela maior parte dos Companheiros Jurados. Era hora de cumprir o próprio destino, e nenhum dos que ficaram na sala tinha dúvidas de qual seria.

Quando a noite caiu naquele dia de conquista, as fogueiras da Cidadela definhavam e misturavam sua fumaça com o miasma que se erguia do Brejo. A elevação onde ficava a capital ruwendiana parecia uma ilha num mar de nuvens turbulentas. Cavaleiros de

Labornok sob o comando do general Hamil, que saíra vitorioso da última resistência dos Companheiros Jurados, trouxeram o derrotado rei Krain e seu escudeiro Barnipo perante o rei Voltrik, o príncipe herdeiro Antar e o feiticeiro Orogastus. Algumas dezenas de outros nobres ruwendianos prisioneiros estavam ali na sala do trono, pesadamente algemados e bem guardados, para testemunhar a capitulação de sua nação. A bandeira de Labornok, vermelha com três espadas douradas cruzadas, pendia na parede atrás do trono, onde Voltrik agora se sentava.

Krain estava agora perto da morte, sangrando abundantemente por feridas profundas no braço direito e na virilha, e precisou ser apoiado por dois cavaleiros de Hamil enquanto era trazido à frente e forçado a se ajoelhar aos pés do rei Voltrik. Um de seus captores lançou ao chão o castigado escudo azul de Krain, com o emblema do Trílio Negro praticamente obliterado, e o outro cavaleiro depositou sobre ele a espada quebrada do rei. O próprio Hamil arrancou o elmo de Krain, removeu a coroa real de platina cravejada de safiras e âmbar e a ergueu alto para todos verem. O escudeiro Barnipo, ileso e não amarrado, tremia atrás de seu senhor ao alcance de lordes Osorkon, o segundo homem de Hamil, um cavaleiro gigantesco trajando armadura negra ensanguentada.

— Bem-vindo, irmão real — disse Voltrik a Krain.

A viseira do elmo dele, com bordas que lembravam presas, estava erguida, e ele parecia sorrir ao monarca ruwendiano derrotado de dentro das mandíbulas abertas de algum sáurio fantástico cravejado de joias. A armadura trabalhada e ornamentada de aço folheado a ouro de Voltrik brilhava intensamente à luz das tochas, e ele se recostou descontraído no trono de Ruwenda, com uma perna elegantemente cruzada sobre a outra.

— E agora você se rende a mim?

— Parece que tenho pouca escolha. — A voz de Krain era um sussurro rouco.

— Você se rende incondicionalmente — exigiu Voltrik, enfiando a coroa ruwendiana sob o nariz do governante atingido —,

sabendo que somente por esse juramento serão poupados da morte os nobres e os plebeus habitantes da sua Cidadela vencida?

— Eu me rendo... se poupar também a vida de minha rainha e de minhas três filhas.

— Isso — disse o feiticeiro Orogastus, em um tom tão implacável quanto as badaladas de um gongo fúnebre — é impossível. Elas devem morrer, assim como o senhor. E, como parte de sua submissão, o senhor nos dirá onde, neste grande labirinto de alvenaria em ruínas, elas se esconderam.

— Nunca — disse Krain.

Então o príncipe herdeiro Antar ousou dar um passo à frente e confrontar o pai real.

— Mas, sire, certamente não guerrearemos com mulheres indefesas!

— Elas devem morrer — Orogastus repetiu secamente.

E o rei Voltrik assentiu.

— Seu mago as teme por causa da ridícula profecia dos estranhos! — exclamou Krain. — Mas é uma completa tolice, Voltrik, uma história de ninar! Há apenas alguns meses você queria tomar minha filha primogênita Haramis como sua esposa...

— Mas você desprezou uma aliança com Labornok — disse Voltrik com desenvoltura, girando a coroa em torno de um dedo como se fosse um bastidor de bordado. — E respondeu à minha graciosa oferta com palavras de grande desdém.

— A capacidade diplomática nunca foi um dos seus pontos fortes, ruwendianos esnobes — intrometeu-se o general Hamil, sorrindo. — E agora, você que engasgue com o fruto insolente que cultivou por tanto tempo.

O agrupamento de cavaleiros e nobres labornokis irrompeu em gargalhadas até que o rei Voltrik levantou a mão.

— Deposito minha confiança no poderoso Orogastus, que é meu grão-ministro de Estado, além de feiticeiro da corte. E foi ele quem previu desastre à minha casa pelas mãos de uma mulher real ruwendiana, não algum estranho fabulista e gosmento. Portanto, sua esposa e suas filhas devem morrer, irmão Krain, assim como você. Mas, se

você se render a mim com humildade e entregá-las, sua morte e a de suas mulheres serão misericordiosas, com um único golpe de espada, e aqueles do seu povo que jurarem fidelidade a Labornok serão poupados.

Krain levantou o queixo machucado.

— Não vou me render e não vou entregar minhas mulheres em suas mãos.

Voltrik levantou a coroa no alto, então a esmagou em uma massa retorcida entre as mãos com luvas de metal e a jogou na frente de Krain ajoelhado.

— Sabe o destino de sua família se não se render a mim? E o de seus cavaleiros acorrentados aqui?

O rei Krain não respondeu.

O cenho sulcado de Voltrik escureceu de ódio, e seus dedos bateram com impaciência sobre um coxote dourado brilhante. Quando o rei de Ruwenda permaneceu teimosamente em silêncio, Voltrik ordenou:

— Tragam quatro montarias!

Um dos capitães labornokis correu para obedecer.

Veio um murmúrio chocado dos prisioneiros, e o escudeiro Barnipo empalideceu de medo súbito e se retorceu nas mãos do captor.

— Rá! — riu o general Hamil. — Esse jovem medroso sabe muito bem que tipo de morte quem zomba de Labornok deve esperar. Vejam como a armadura dele não tem manchas – um covarde, sem dúvida. Seria algo proveitoso se *ele* fosse o primeiro a participar dessa pequena demonstração da punição justa de vossa majestade!

— Não, não! — guinchou Barnipo. — Deus e os Senhores do Ar tenham piedade de mim!

Ele se debateu freneticamente até que lorde Osorkon, de armadura negra, bateu no rosto dele com o punho nu, ao que o menino abrandou para choros e gemidos.

Naquele momento, o capitão labornoki e quatro cavaleiros voltaram para a espaçosa sala do trono trazendo quatro grandes froñiais de guerra, ainda selados e ajazados. Os olhos dos animais rolavam furiosamente vermelhos, e eles batiam os chifres dourados,

resfolegavam e empinavam, e os cascos fendidos ferrados com metal ressoavam no chão de mármore.

— Não! — gritou Barnipo.

— Sim — disse o rei Voltrik em voz baixa.

Os olhos dele encontraram os de Krain.

— Vou mostrar agora, irmão real, que destino aguarda você e os seus se continuar a me desafiar. E para o capitão:

— Pegue o covarde e amarre uma das pernas em cada sela, e então chicoteie os animais para que eles se separem até que ele esteja devidamente esquarterado.

Barnipo soltou um uivo de desespero e se retorceu nos braços de Osorkon, enquanto os cavaleiros ruwendianos gritavam maldições sobre a cabeça de Voltrik até serem silenciados pelo fio das adagas em sua garganta.

O rei Krain disse:

— Deixe o pobre jovem em paz, e em vez disso dê essa morte a mim.

O feiticeiro Orogastus disse:

— Vamos soltar o rapaz, e conceder ao senhor uma morte honrada, em vez da ignomínia de ser rasgado, se revelar o esconderijo de suas mulheres.

— Não — disse Krain.

— Senhor? — o general Hamil chamou a Voltrik.

O rei labornoki ficou de pé. Seu manto carmim esvoaçou em torno dele e refletiu vistosamente na armadura dourada.

— Krain de Ruwenda, você escolheu a própria morte. Amarrem-no aos animais.

— Sire! Sire! — chorou o menino. — Permita que seja eu! Perdoe minha covardia!

— Eu o perdoo de todo o coração, Barni — disse Krain.

Os lacaios pegaram o rei, despiram-no da armadura e o colocaram de costas no meio do salão do trono. Quando começaram a amarrá-lo com tiras de couro, sangue verteu das feridas reabertas, logo formando uma poça debaixo dele. Durante tudo isso, apesar dos gritos dos cativos ruwendianos furiosos e do balbucio penitente

de Barnipo, o rosto de Krain permaneceu imperturbável. Quando tudo estava pronto, as quatro grandes montarias antilopinas se debatiam e guinchavam com empolgação, de modo que foram necessários três homens para segurar cada uma delas no lugar; o capitão se colocou em atenção e esperou a ordem de Voltrik.

Mas agora Orogastus sussurrou algo para seu rei, que assentiu e então fez um gesto para que lorde Osorkon trouxesse o escudeiro que desmaiava para perto do trono.

— Menino — o feiticeiro disse, mirando seu olhar penetrante no apavorado Barnipo —, você tem o poder de salvar seu senhor soberano dessa morte horrenda. E salvar a própria pele, e a dos outros cativos também.

Barnipo mal conseguia formular uma resposta.

— Eu, meu senhor?

— Você — respondeu Orogastus.

Entre todos os invasores, apenas o feiticeiro não usava armadura, vestindo uma túnica branca simples coberta por um manto com capuz preto. Ele usava uma corrente de platina no pescoço, onde pendia um medalhão pesado gravado com uma estrela de muitos raios. Ele puxou o capuz para trás para revelar traços graciosos e sem rugas, embora o cabelo comprido fosse branco como a neve. O rosto parecia benigno quando ele se dirigiu ao escudeiro.

— Ouça-me com cuidado, menino. Faça o que mando e ainda pode salvar as vidas da rainha e das três princesas. Confesso que estou muito espantado com a coragem mostrada pelo rei Krain, e julgo que meu soberano gracioso deveria se casar com a princesa Haramis, por fim, já que a filha deve herdar a virtude do pai e passá-la aos filhos.

— De verdade, meu senhor? — Uma esperança louca iluminou o rosto do escudeiro.

— De verdade. E, para que a princesa Haramis possa aceitar o compromisso de bom coração, aconselho sua majestade a poupar a vida de todas as mulheres reais ruwendianas. A única coisa que precisa fazer para conseguir essa resolução afortunada é nos dizer onde elas estão escondidas.

Os olhos do menino foram do feiticeiro para o rei, e ele hesitou.

— Também vai poupar minha vida?

— Por minha coroa — disse Voltrik, tocando a coroa sobre seu elmo amedrontador —, você vai viver. Mas não demore, pois os froniais estão inquietos.

— E nosso rei?

— Ele precisa morrer — respondeu Orogastus —, pois é nossa lei. Mas pode ter certeza de que a morte dele será breve e indolor. Basta falar.

As lágrimas escorreram pelo rosto do rapaz.

— O senhor diz isso por sua honra?

— Juro pelos Senhores do Ar — disse Orogastus.

Barnipo respirou fundo.

— Então... elas estão escondidas em um forte secreto no andar da capela da grande fortaleza, acessível por uma passagem escondida dentro do piso elevado do coral, que se abre apertando o ornamento central do grande trílio esculpido na parede. O lorde Manoparo e quatro Companheiros Jurados as protegem.

Os olhos fundos do feiticeiro brilharam.

— Ah!

E o rei Voltrik e o general Hamil ecoaram:

— Ah.

— Jurou que não ia machucá-las! — O rosto choroso do rapaz corou, e seus lábios tremeram. — Pelos Senhores do Ar...

— Um juramento formidável — Orogastus disse de modo indiferente — para aqueles que acreditam nessas fantasias.

— Mas o senhor também jurou! — Barnipo se virou freneticamente para o rei.

— Jurei poupar sua vida desprezível — disse Voltrik —, e o farei, para que trabalhe nas fossas pelo resto dos seus dias infelizes.

E então acertou o rapaz horrorizado com a manopla de metal, de modo que ele desabou, caiu do estrado e ficou estendido como morto.

— Meu rei — disse o general Hamil —, vou levar um destacamento e procurar a cadela real e suas três crias.

— Não — disse Voltrik. — Meu filho e eu vamos liderar o grupo. Você vai lidar com a escória ruwendiana aqui... e com o líder inútil deles.

Fazendo um gesto para o príncipe Antar, Voltrik saiu do estrado. Ele chamou um grupo de vinte cavaleiros, e eles partiram pela grande escadaria em espiral que levava até a capela.

Hamil, punhos sobre os quadris cobertos pela armadura, supervisionava o salão do trono com uma turba de labornokis, e seus desafortunados prisioneiros estremeciam no perímetro. No centro do salão, o rei Krain ainda jazia amarrado aos froniais de guerra nervosos.

— Colocar prisioneiros em correntes é entediante — Hamil observou para Osorkon —, e foi um dia cansativo. Vamos nos entreter um pouco primeiro. Então ele gritou:

— Cavalariços! Usem seus chicotes!

No horror que se seguiu, Barnipo se recuperou rapidamente de seu desmaio fajuto, saiu correndo sem ser visto e escapou por uma escadaria traseira para avisar a rainha e as princesas do perigo que corriam.



TRÊS PRINCESAS. UM PODER ANTIGO PRESTES A DESPERTAR.

O reino de Ruwenda caiu. Invasido pelas forças sombrias de Labornok, tudo o que resta da linhagem real são três jovens princesas, trígêmeas e herdeiras de um poder que ainda não compreendem. Resgatadas às pressas por seus leais protetores, elas atravessam um território dominado pelo inimigo em busca da enigmática arquimaga Binah, a Senhora Branca, que, embora não tenha conseguido impedir a queda do reino, pode ser a última esperança de restaurá-lo.

Separadas pelo destino, cada irmã precisará seguir o próprio caminho, enfrentando perigos, revelações e provações que irão moldar quem realmente são.

Entre magia ancestral, intrigas e jornadas épicas, *Trílio Negro* é um clássico da fantasia que entrelaça coragem, sabedoria e compaixão em uma história sobre identidade, destino e o poder que nasce quando três caminhos se tornam um.

**“Uma clássica jornada de fantasia,
com ritos de passagem e a luta pela
salvação de um reino.” — Library Journal**

 Planeta



9 788542 243178